

Afinal Anna Politkovskaya ainda pode vencer Vladimir Putin

Há menos de um ano, o seu assassinato foi um dos mais audíveis gritos de alerta para o que se estava a passar na Rússia de Putin.

O livro que publicou em 2004, agora foi editado em Portugal, “A Rússia de Putin”, não é sobre a grande política e os seus jogos. É sobre as vidas das pessoas de carne e osso, vítimas ou algozes, boas ou más, fracas ou poderosas, na mais veemente denúncia do que significa a “ordem e estabilidade” que lentamente se instala na Rússia sob o olhar condescendente do Ocidente. É a história verídica de “uma democracia a desaparecer”.

No dia 10 de Outubro de 2006 Vladimir Putin viaja para Dresden, na Alemanha, uma cidade que conheceu demasiado bem. Durante cinco anos, até à queda do Muro, fora o chefe operacional do KGB local. Agora, ia encontrar-se com Angela Merkel. Na conferência de imprensa final, ao lado da chanceler alemã, a pergunta a que se recusara responder nos últimos dois dias tornara-se incontornável.

Na sua voz despida de qualquer entoação, comentou pela primeira vez o assassinato de Anna Politkovskaya, a jornalista que resolvera dedicar a sua vida a denunciá-lo.

“Ela era bem conhecida na comunidade dos ‘média’, nos meios dos direitos humanos e no Ocidente, mas a sua influência na Rússia era mínima. Na minha opinião, ela era demasiado radical e, por causa do seu radicalismo, nunca teve uma grande influência na vida política interna e, sobretudo, na Tchetchênia.”

Anna estaria de acordo com quase tudo o que ele disse. Mas isso nunca a deteve. Era radical, sobretudo na forma como encarava a sua profissão. Era conhecida no Ocidente, mas pouca gente lhe atribuía importância na Rússia. A sua denúncia incansável do que se passara na Tchetchênia em duas guerras sucessivas de pouco servira. Sabia isto tudo. Mesmo assim, pensava que tinha “o dever de informar”.

Dois dias antes, a 7 de Outubro, no dia em que o Presidente russo completava 53 anos, tivera um dia cansativo. Duas semanas antes, o seu pai, um antigo diplomata, fora vítima de um ataque cardíaco fulminante, quando subia as escadas do metro de Moscovo. Ia visitar a mulher ao hospital, a quem fora diagnosticado um cancro. Naquele dia, a jornalista tinha decidido fazer companhia à mãe, ainda internada, mas acabara por alterar os seus planos. A sua filha mais velha, grávida, mudara-se para o

seu apartamento na Rua Lesnaya. Tinha de repartir o seu tempo entre ambas, mãe e filha, e ainda precisava de acabar um artigo para a “Novaya Gazeta”, um pequeno mas reputado jornal moscovita onde trabalhava. O texto que estava a escrever era sobre o tema que a obcecara nos últimos anos: a Tchetchênia. Andava a tentar documentar devidamente actos repetidos de tortura praticados pelo governo do pró-russo da república do Cáucaso. Como antes tentara documentar devidamente os actos de barbárie cometidos pelo exército russo.

Tinha combinado encontrar-se com a filha num supermercado, mas ela estava atrasada. Acabou as compras, regressou ao carro, dirigiu-se a casa, subiu ao seu apartamento, no sétimo andar, carregando alguns sacos de compras, voltou a descer para ir buscar os outros. Quando as portas do elevador se abriram cá em baixo, esperavam-na quatro tiros fatais. Três contra peito. O quarto, à queima-roupa, na cabeça. O “kontrolnyi vystrel”, o tiro de controlo. A habitual assinatura dos assassinos contratados. A arma ficou ao lado do seu corpo.

O choque da sua morte repercutiu-se pelo mundo inteiro. Mas ninguém poderia dizer que era inesperada. Anna Politkovskaya estava habituada a ameaças de morte quase diárias. Por duas vezes, fora alvo de tentativas de assassinio, destinadas, segunda ela, a intimidá-la. Uma vez na Tchetchênia, perto de Grozni, num campo militar russo. Outra quando, em 2004, voava para Beslan, na Ossétia do Norte, onde um grupo de terroristas tchetchenos sequestrara mais de mil pessoas, na maioria crianças, dentro de uma escola. Os sequestradores exigiam a sua presença como intermediária. Bebeu chá no avião e começou a sentir-se tão mal que, quando aterrou em Rostov, foi levada de urgência para o hospital. No dia seguinte foi recambiada num jacto privado para Moscovo. As análises que fez no hospital desapareceram. Levou tempo a recuperar. Fisicamente, entenda-se. Psicologicamente, era mais forte que o aço.

Os seus amigos pediam-lhe que desistisse. A sua família implorava-lhe que fosse para os Estados Unidos — afinal, era cidadã americana, nascera em Nova Iorque, quando os seus pais eram diplomatas na ONU. Os seus leitores escreviam-lhe, perguntando-lhe por que é que

insistia em descrever “aquelas coisas” apenas para lhes meter medo. Os seus chefes, no pequeno jornal de Moscovo, pediam-lhe que parasse. Por um tempo.

Ela respondia que alguém tinha de fazer o que ela fazia. A denúncia das duas guerras na Tchetchênia, com o seu cortejo arrepiante de brutalidade, morte, destruição sem sentido. A denúncia dos novos métodos do Kremlin, que ela achava que fariam o seu país regredir para os tempos sombrios do comunismo.

“A desculpa soviética clássica de que ninguém sabia ou tinha participado já não pode funcionar. É por isso que quero que saibam a verdade. Depois, podem ser cínicos à vossa vontade.” Rude, obcecada, obsessiva, chegava a irritar os amigos com a sua teimosia.

Sabia perfeitamente o risco que corria. Desde o ano em que Vladimir Putin chegou ao Kremlin, 13 outros jornalistas tinham sido mortos em circunstâncias estranhas sem nunca ter sido encontrado qualquer responsável. No dia 7 de Outubro chegou finalmente a sua vez.

Há muito que tinham acabado os dias em que a imprensa russa fora absolutamente livre. Regressara a mordação, só que desta vez auto-imposta pelo medo.

DESPACHOS DA TCHETCHÊNIA

A primeira guerra na Tchetchênia, a república separatista do Cáucaso, terminara em 1996. Deixara um rasto de destruição e a derrota de um exército que mantivera o mundo sob o equilíbrio do terror durante 40 anos. Mas, nessa altura, os russos ainda podiam ver a realidade nas suas televisões privadas e eram maioritariamente contra a guerra. Pela primeira vez, a imprensa fizera mudar o curso dos acontecimentos. “Foi o maior de todos os sucessos”, disse ela.

Em 2006, Putin tinha razão. As reportagens de Anna ou o seu livro *A Small Corner of Hell: Dispatches from Chechnya* tiveram pouca influência no desenrolar dos acontecimentos e ainda menos na opinião pública russa, apenas com direito às imagens do chefe supremo aos comandos de um MiG rumo a Grozni. Quando decidiu lançar a segunda guerra na Tchetchênia, em 2000, Putin tratara de garantir que fosse assim. Bastava calar de vez a imprensa.

Em Abril de 2001, a Gazprom – que não merecia ainda grande atenção no Ocidente, porque ainda não

cortara o abastecimento de gás à Europa – apropriou-se da NTV, televisão privada e independente. Foi o primeiro passo. Hoje domina três cadeias nacionais e o jornal “Izvestia”.

Desta vez os russos viam apenas aquilo que Putin lhes quisesse mostrar – um combate patriótico contra um bando de terroristas islâmicos, uma frente de batalha da guerra mais geral “contra o terror”, desencadeada pelo seu novo amigo da Casa Branca, George W. Bush.

Anna Kachkaeva, jornalista e investigadora universitária, explica a Michael Specter, da revista “New Yorker”, como o método de controlo da informação praticado desde então na Rússia é muito mais sofisticado do que o dos tempos soviéticos. “Não há censura – é muito mais avançado. Chamar-lhe-ia um sistema de



contactos e de acordos entre o Kremlin e os chefes das cadeias de televisão, que dispensa instruções diárias.” É tudo implícito e assenta na autocensura, que é “a pior de todas as formas de censura”. “Os jornalistas sentem, sabem o que é e o que não é permitido.”

A nova “democracia soberana” de Putin deixou um pequeno nicho de mercado a meia dúzia de jornais sem grande difusão, lidos pelas elites, como o “Novaya Gazeta”, onde Anna trabalhava e onde começou a escrever sobre a II guerra tchetchena no exacto momento em que ela começou. Visitou a região mais de 50 vezes, mesmo quando nenhum outro jornalista lá ia. Foi descrita pela restante imprensa como “a louca de Moscovo”.

ORDEM E ESTABILIDADE

Foi preciso morrer às mãos de um assassino contratado para que o mundo lhe começasse a prestar mais atenção. Pouco importa quem deu a ordem, se o Kremlin, se o FSB (sucedâneo do KGB), se qualquer máfia russa ou tchetchena. O que importa é que a sua morte provou aquilo que ela passou a vida a denunciar: o desmantelamento progressivo do frágil Estado de direito construído depois da implosão da União Soviética.

No seu livro “A Rússia de Putin”, que acaba de ser editado em Portugal pela Pedra de Lua e que foi editado pela primeira vez em língua inglesa em 2004, ela desmonta a tão elogiada “ordem e estabilidade” que Putin restituiu à Rússia depois dos anos caóticos de Ieltsin.

Não fala de política, pelo menos da grande política. Fala de pessoas de carne e osso que encontra na Tchetchênia ou numa qualquer rua de Moscovo, em Kamchatka, Rostov ou Iekaterinburgo, e são as suas histórias que conta. Numa morgue ou na sala de um tribunal. Relatos escavados até ao mais ínfimo pormenor. Murros no estômago.

A história de Nina Levurda, professora reformada, pesada e vagarosa, que corre de quartel em quartel, de tribunal em tribunal, “mãe sem um filho, ou pior, sem a verdade acerca do filho”, deixado para trás no campo de batalha da Tchetchênia. A denúncia das práticas inumanas do exército russo é um dos seus cavalos-de-batalha.

A história de Tanya, uma antiga vizinha, engenheira com o “sonho de ser rica”, que aprendeu num ápice todos os truques do mercado negro e todos os subornos do “comércio legal” e se transformou em milionária: “Com a saída de Ieltsin, foi-se o dinheiro fácil e o romance. Hoje, os tipos no poder são pragmáticos e insaciáveis e eu sou um deles.”

A história de Rinat, triste habitante do Regimento Especial de Informações do Ministério da Defesa, major, medalhado por todas as missões secretas e terríveis que realizou, largado na vida civil. Sem nada a não ser a única coisa para que foi treinado: matar. “Diante de mim está um desamparado assassino profissional.” “É o que está a pensar fazer, Rinat?” “Não, não quero fazer isso, mas se Edik, o meu filho, e eu formos postos na rua, não o posso evitar. Só sei fazer aquilo que fui treinado para fazer.”

A história de Irina, mãe de Yaroslav, um rapaz de 16 anos que “não morreu com uma bala na cabeça”, porque o seu nome não consta da lista dos quatro reféns que morreram com uma bala na cabeça, quando as forças policiais tomaram de assalto um teatro de Moscovo ocupado por terroristas tchetchenos durante a exibi-

ção do musical “Nord-Ost”. E que, por isso, porque está fora da versão oficial dos acontecimentos, não consta da lista das vítimas.

A história de Alexei Dikiy, comandante do submarino nuclear “Vilyuchinsk”, elemento nevrálgico do escudo nuclear da Rússia, estacionado na península de Kamchatka, que está a “comer fiado” e cujo navio não tem gasóleo, mas que acredita que cumpre o seu dever. “Os operacionais que mantêm o escudo nuclear de uma superpotência estão a comer fiado? Imagino como o Presidente se sente quando vai às reuniões do G8.”

A história de Pashka Feduleve, bandido de bairro transformado em magnata todo-poderoso da máfia de Iekaterinburgo, a cidade das máfias, graças às suas ligações com a polícia. Ou da juíza Olga Vasilieva, que ousou enfrentar a máfia e viu a renovação da sua carreira profissional definitivamente adiada.



A Rússia de Putin
Anna Politkovskaya

Pedra da Lua, 2006

A FORÇA DA PALAVRA ESCRITA

Anna Politkovskaya era “uma solitária”, que se integrava mal numa equipa, “que se dirigia aos seus amigos e colegas com palavras rudes quando achava que estavam errados”, diz Aleksei Siminov, que foi o director do Fundo de Defesa da Glasnost. Mas era “corajosa para lá de qualquer compreensão”, escreve o “Economist”. “A sua vida foi o reflexo das transformações do seu país.”

Nasceu em 1958, em Nova Iorque, filha de diplomatas soviéticos de origem ucraniana, o que acabou por lhe dar acesso a um mundo negado à esmagadora maioria dos soviéticos. Estudou Jornalismo nas escolas reservadas à elite do regime.

Trabalhou no jornal oficial “Izvestia” e na revista da Aeroflot. Com Gorbatchov, mudou para a novíssima imprensa independente: primeiro a “Obshchaya Gazeta”, depois a “Novaya Gazeta”. Relatou o colapso da URSS, o tumulto dos anos de Ieltsin, as extremas dificuldades sociais, a nova corrupção. Cobriu a primeira guerra da Tchetchênia.

“A vida tornou-se muito difícil do ponto de vista económico. Mas, do ponto de vista político, era pura felicidade o facto de se poder ler e pensar e escrever aquilo que se quisesse. É sempre preciso aguentar muitas dificuldades económicas para se obter a liberdade”, escreve sobre esses anos.

“Não era carismática, não enchia uma sala de conferências, nem sequer era particularmente boa em ‘talk-shows’ televisivos”, escreveu Anne Applebaum no “Washington Post” dois dias depois do seu assassinato. “Ela era a prova de que ainda não há nada tão poderoso como a palavra escrita.”

Teve razão antes de tempo. Deixou as suas denún-

cias registada em letra de forma.

Poucas semanas depois do seu assassinato, Alexander Litvinenko, um antigo agente do FSB refugiado no Reino Unido, adoeceu gravemente em Londres. Tinha acusado Putin de ser o verdadeiro responsável pelos atentados terroristas que atingiram, em 1999, alguns bairros residenciais de Moscovo matando centenas de pessoas com o intuito de criar um pretexto para a segunda guerra na Tchetchénia. Morreu poucos dias

depois, envenenado com polónio 210, um raro isótopo radioactivo a que raras organizações poderiam ter acesso. Até hoje, o caso ainda não saiu dos jornais, pelas suas consequências diplomáticas. O Ocidente começa finalmente a hesitar sobre a sua “amizade” com Putin.

Anna Politkovskaya ainda tem uma hipótese de desmentir as palavras do Presidente russo sobre a sua morte.

POR NOEL MALCOLM

COLÉGIO ALL SOULS, UNIVERSIDADE DE OXFORD

Uma predilecção por opiniões em detrimento dos factos

“O nosso maior historiador vivo – não apenas da Grã-Bretanha, mas do mundo”, está enfaticamente escrito na contracapa deste livro, citando, de todas as fontes, *The Spectator*. “No que concerne a inqualificável inteligência, não há superior a Hobsbawm na profissão de historiador”, comenta *The Guardian*, com um pouco mais de precaução.

Eric Hobsbawm é certamente um historiador eminente e um homem inteligente, e por completar 90 anos ainda com a sua caneta na mão, merece a nossa admiração. Esta colecção dos seus ensaios e palestras mais recentes celebra esse aniversário, e transmite-nos o vigor e a paixão com que este famoso intelectual examina o mundo contemporâneo. Mas as qualidades de um grande historiador são aqui conspícuas, sobretudo devido à sua ausência.

Uma boa escrita histórica envolve prestar muita atenção a factos e a uma estruturação cuidadosa de argumentos coerentes. Acima de tudo, requer o que pode ser apelidado de “subtileza prática” – o reconhecimento de que os motivos e as acções humanas são coisas complexas que interagem com outros factores de todos os tipos, de diferentes formas. A maior parte deste livro, contudo, consiste não em interpretação histórica, mas em opinião política. E o que oferece não é subtileza prática, mas simplicidade teórica, tornada complexa só por ocasionais auto-contradições.

Apenas um destes artigos descreve correctamente um argumento histórico, ao analisar as diferenças básicas entre o poder “imperial” Americano e o do antigo Império Britânico. Mas também este ensaio é guiado por preocupações polémicas, dirigidas contra aqueles que afirmam que os EUA devem, actualmente, providenciar algo equivalente à antiga “Pax Britannica”. E, uma vez que Hobsbawm acredita que a Pax Britanni-

ca foi ilusória e que os EUA não devem impor a sua versão desta, mesmo que possam, não é claro se a componente histórica do seu argumento tem validade prática.

Por outro lado, estes artigos exprimem um conjunto de atitudes sobre uma série de temas contemporâneos. Três tópicos surgem constantemente: globalização, o enfraquecimento do estado, e a natureza da política externa da América. Vamos analisá-los brevemente em separado.

De acordo com Hobsbawm, os governos “removeram sistematicamente todos os obstáculos” para “um capitalismo global sem restrições”. O resultado é “um espectacular e potencialmente explosivo crescimento da desigualdade social e económica, dentro dos países e internacionalmente”, o que está a tornar o mundo um local muito mais instável.

Nenhuma prova concreta é apresentada para apoiar esta conclusão. Mesmo que houvesse provas de desigualdades relativas a alastrar, qualquer um poderia considerar importante indagar sobre os efeitos de crescimentos absolutos no nível de vida. Poderia ainda elaborar uma lista dos pontos de instabilidade do mundo de hoje (Darfur, Faixa de Gaza, Afeganistão, Iraque, Sri Lanka) e questionar quantos desses conflitos foram causados pelas desigualdades sociais do capitalismo global.

Em determinado ponto Hobsbawm comenta, muito razoavelmente, que a globalização está a originar mais igualdade internacional, enfraquecendo deste modo a força do ultrapassado imperialismo económico: “a Coreia do Sul tem pouco a aprender com os EUA, que exporta o seu trabalho burocrático para o Sri Lanka, enquanto o Brasil produz não só café mas jactos privados”. Como é possível, pode o leitor